

## O CORONELISMO SOCIAL

Várias pragas sociológicas habitam, com resistência renitente, o espaço político latino-americano. O Brasil é um resumo vivo deste cenário cantado e decantado em prosa e verso pela literatura. Hélio Gaspari brindou-nos agora com a dissecação da ditadura. A todos constitucionalistas é familiar a teoria das sistoles e diástoles que comprova, ao longo dos séculos, a sucessão alternante de fechamentos e aberturas. Dentro dessa ótica, democracias e ditaduras vêm sucedendo-se em períodos sistêmicos de mais ou menos vinte anos. Este é o período clímax de produção de cada geração dos líderes que atuam no processo histórico concernente a cada período. São períodos cíclicos intermediando o processo de ação e reação. A obra de Gaspari chega em boa hora, pois, certamente, de forma consciente ou não, vem para exorcizar a possibilidade de concretização desta seqüência fatídica.

Outra patologia tão ou mais grave que as ditaduras é o coronelismo. Fruto viçoso do patriarcalismo imperial, foi enraizando-se por todo o período da velha república, em que teve o seu clímax. Gilberto Freire, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Mario Palmério, Guimarães Rosa, e tantos outros, retrataram seu perfil em obras célebres.

Já o Coronelismo Social é um mal recente produzido pela implantação da Social Democracia latente no Estado Novo Vargasista. Ele é um defeito, ou melhor, uma corrupção atuante e ainda não erradicada do regime Social Democrata. O *New Deal*, de Franklin Delano Roosevelt, purgava alguns defeitos de seus outros coetâneos latinos, o varguismo e o peronismo, nas suas tendências discricionárias. No entanto, através da implantação da “política social”, visando seu público alvo – os excluídos –, poderíamos identificar, por meio da realização de suas políticas, a mão do partido situacionista, ou mesmo, a do “carismático” chefe de governo. Em quaisquer das Américas seus líderes foram intitulados “pais dos pobres”, ou ainda, de forma indireta, através da figura de Eva Perón, cognominada “mãe dos descamisados”.

A política social visa realizar o milenar aforisma chinês: “Ensinar a pescar é mais educativo do que dar o peixe.” A Social Democracia, distorcida, seguiu errando, não por ignorância, mas por má fé mesmo. Ensinar a pescar liberta o homem. Dar o peixe torna-o um eterno cliente que reproduz em sua prole e no imaginário popular o cancro do subdesenvolvimento e da eterna servidão do povo: o clientelismo.

Pior do que o clientelismo é o seu efeito direto, a corrupção do sistema eleitoral que atrofia o Estado Democrático de Direito. Afinal, os governantes, através da mão visível do seu partido e de sua política, alteram, para futuro, na relação direta das benesses distribuídas, o resultado das urnas. Constroem, através do personalismo de suas políticas, o loteamento do governo e seu aboletamento permanente no poder. Os coronéis da Velha República eram execrados, porque distorciam o voto mediante um coronelismo construído com o poder financeiro privado, deles próprios. O Neo-Coronelismo-Social é mais letal, pois ele, ao invés de usar recursos privados, usa recursos públicos dos contribuintes, em nome próprio. Personaliza o que deveria ser o governo impessoal celebrado no art. 37 da Constituição de 1988. Tal cenário não é a leitura do fracasso, nestes itens, somente da Social Democracia. É também o cemitério que chafurda na história os modelos Socialistas. Todos eles não libertaram os indivíduos, pois substituíram o velho Patrão Burguês pelo Patrão Estado, que na URSS ou em Cuba, seguiram explorando o homem sem libertá-lo para si e para os seus. Paradoxalmente, contrariando Marx, eles seguiram alienados, não mais para o capital privado, mas para o capital estatal, reproduzido sempre na odiosa “nomenclatura” dirigente.

Não foram somente, Vargas, Perón, Lênin, Stalin e Fidel Castro que se eternizaram no poder através do Coronelismo Social. Recentemente, Menem e FHC, não fosse a “reversão de expectativas” de seus planos econômicos e de suas políticas sociais, teriam, da mesma forma, um terceiro período de governo. Franklin Delano Roosevelt ficou atrás só de Castro, pois foi eleito por quatro períodos, permanecendo por longos 14 anos no poder. Fidel está a mais de 40 anos no poder.

Os únicos elementos impessoais da Democracia Social continuam sendo a sua Previdência Social e sua Legislação Trabalhista. Através delas, o Estado Nacional Impessoal é garantidor dos Direitos Sociais da Cidadania. A única porta de contrafação destas políticas impessoais é a demagogia, própria do Coronelismo Social, que visa cooptar através da sua adulteração, mediante a oferta indecorosa de mínimos e máximos, em matéria de salários mínimos, sejam eles nacionais ou regionais, não compatíveis com as circunstâncias político e sócio-econômicas do momento. No mais, apesar do déficit previdenciário, milhares de municípios brasileiros têm uma distribuição de renda rural e urbana, sustentando a sua viabilidade, através de um Estado Social que não é a mão redentora de nenhum Partido Político, mas a Política de Solidariedade Impessoal do Povo Brasileiro.

A título de colaboração com o novo período de esperanças que se inicia para o nosso Brasil, reforçamos esta idéia. Ensinar a pescar é a verdadeira política de libertação do ser humano. Dar o peixe é perpetuar um cenário sempre igual, que retrata seguidores e seguidos na velha moldura política dos caudilhos sociais de todos os tempos.

SÉRGIO BORJA – Professor de Direito na PUC/RS e UFRGS.